



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOSÉ ERIEL LIMA CAVALCANTE**

**NECROPOLÍTICA E COVID-19: O GOVERNO BOLSONARO E A POLÍTICA DE  
BANALIZAÇÃO DA VIDA**

**GUARABIRA**

**2024**

JOSÉ ERIEL LIMA CAVALCANTE

**NECROPOLÍTICA E COVID-19: O GOVERNO BOLSONARO E A POLÍTICA DE  
BANALIZAÇÃO DA VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**Área de concentração:** Historiografia, Literatura e Mídia;

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses.

**GUARABIRA**

**2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376n Cavalcante, Jose Eriel Lima.  
Necropolítica e covid-19 [manuscrito] : o governo Bolsonaro e a política de banalização da vida / Jose Eriel Lima Cavalcante. - 2024.  
24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Fake News. 2. Negacionismo. 3. Pandemia. 4. Jair Bolsonaro. 5. Covid-19. I. Título

21. ed. CDD 981

JOSÉ ERIEL LIMA CAVALCANTE

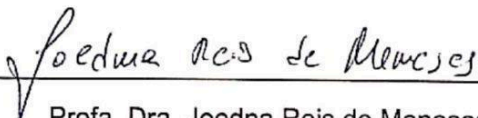
**NECROPOLÍTICA E COVID-19: O GOVERNO BOLSONARO E A POLÍTICA DE  
BANALIZAÇÃO DA VIDA**

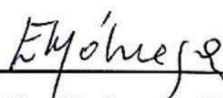
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

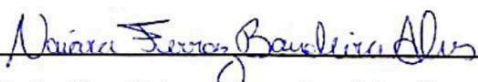
**Área de concentração:** Historiografia, Literatura e Mídia;

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Joedna Reis de Meneses  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido chegar até aqui.

Ao meu eu criança, que apesar das dificuldades, jamais deixou de sonhar.

Agradeço a minha mãe, Maria, por todo carinho, incentivo e amor. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço ao meu pai, Manoel, que me ajudou em diversos momentos.

Agradeço a minha irmã, Eriane, que ouvia as minhas reclamações e, acima de tudo, acreditava (e acredita) no meu potencial.

Agradeço a Janielson, meu namorado, pelos momentos incríveis ao longo da graduação, você tornou esse processo mais leve e cheio de amor.

Agradeço à minha professora Edna Maria, você foi tão humana, compreensiva e incrível comigo. A construção desse trabalho jamais seria o mesmo sem você.

Agradeço a Maria Jamylle, minha dupla, que foi o meu alicerce durante a graduação. É impossível resumir em palavras tudo que a gente vivenciou, então só posso te agradecer por tudo e dizer que te amo.

Agradeço a minha amiga, Beatriz, minha companheira de reclamações, de fofocas e desabafos. Obrigado por tanto apoio e por sempre acreditar em mim.

Agradeço a Valdenira, minha gótica, pela amizade, cumplicidade e pelos passeios que fazíamos juntos nos corredores da universidade.

Agradeço também a Aniele Karine, José Marcos e Emanuel Diniz pelos momentos descontraídos, de muitas risadas e aprendizados.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial, meus sinceros agradecimentos a Joedna, Edna, Waldecir e Alomia, pelas aulas maravilhosas.

E por fim, meus sinceros agradecimentos a todos os profissionais que colaboram indiretamente para tudo acontecer.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Sem máscara, Bolsonaro promove aglomeração em visita ao Acre.	13
Imagem 2 – Jovem faz homenagem para familiares que morreram por covid-19.	16
Imagem 3 – Familiares de pacientes internados fazem filas para comprar oxigênio	18
Imagem 4 - Funcionários carregam caixão; parentes não podem se aproximar do cortejo e nem realizar velórios - Silvio Avila/ AFP.	21

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A “GRIPEZINHA” QUE MATOU MAIS DE 700 MIL PESSOAS.	11
3. O PAPEL DAS FAKE NEWS	14
4. MANAUS - A LUTA POR OXIGÊNIO	17
5. SOLIDÃO E LUTO.	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
7. REFERÊNCIAS	24

# NECROPOLÍTICA E COVID-19: O GOVERNO BOLSONARO E A POLÍTICA DE BANALIZAÇÃO DA VIDA

José Eriel Lima Cavalcante<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar como se deu o gerenciamento da Pandemia da Covid-19 no governo Bolsonaro, levando em consideração os discursos do próprio presidente que, em suma, giravam em torno de questões como; Negacionismo científico e disseminação de fake news. O Brasil esteve entre os países com mais mortes pela Covid-19, registrando até o momento mais de 700 mil óbitos, esse número tão elevado é resultado da ausência de políticas públicas para combater a proliferação do vírus, portanto, essa pesquisa nos faz refletir acerca das vidas que poderiam ter sido “poupadas” se a postura do presidente estivesse em consonância com o que a ciência determinava, uma vez que ele desrespeitou corriqueiramente as medidas de prevenção recomendadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde). O aporte teórico é raso no que diz respeito a pesquisa de outros historiadores e essa é uma das maiores dificuldades ao trabalharmos o tempo presente, todavia, há um vasto acervo de teses, artigos e monografias sobre o tema, no mais, também há fontes que estão para além dos textos acadêmicos, afinal, as fontes históricas não se limitam a textos escritos; fotografias, vídeos e áudios também são fontes históricas. O presente estudo, portanto, se fundamentou através de Achille Mbembe (2018), Teixeira e Silva (2022), Saraiva e Zago (2021), entre outros. Em suma, esse trabalho visibiliza aqueles que tiveram suas vidas ceifadas por um governo negligente e negacionista. **Palavras-Chave:** Bolsonaro; pandemia; covid-19; negacionismo.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the management of the Covid-19 pandemic under the Bolsonaro government, taking into account the president's own speeches, which mainly revolved around issues such as scientific denialism and the dissemination of fake news. Brazil has been among the countries with the highest death toll from Covid-19, currently exceeding 700 thousand deaths. This high number is a result of the absence of public policies to combat the virus spread. Therefore, this research prompts us to reflect on the lives that could have been "saved" if the president's stance had been in line with scientific recommendations, as he routinely disregarded prevention measures recommended by the WHO (World Health Organization). The theoretical framework is limited regarding research from other historians, which is one of the main challenges when working on contemporary issues. However, there is a vast array of theses, articles, and monographs on the topic. Furthermore, there are sources beyond academic texts; historical sources are not limited to written texts, as photographs, videos, and audios also serve as historical sources. This study is grounded in the works of Achille Mbembe (2018), Teixeira e Silva (2022), Saraiva and Zago (2021), among others. In summary, this work sheds light on those whose lives were taken by a negligent and denialist government.

**Keywords:** Bolsonaro; pandemic; Covid-19; denialism.



## 1. INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, no Brasil, matou mais de 700 mil pessoas, esse número poderia ser inferior se ações tivessem sido tomadas para combater a proliferação do vírus, no entanto, durante o maior pico de transmissão, os discursos do então presidente Jair Bolsonaro contribuíram ainda mais para a disseminação do mesmo, uma vez que tais discursos, tinham acima de tudo, bases negacionistas que questionavam a segurança e eficácia da vacina mesmo em um momento que a ciência já está consolidada, com isso, houve uma enorme recusa da população no que diz respeito a vacinação, como também, recusa em seguir o protocolo de isolamento social recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Bolsonaro, por sua vez, sempre se mostrou mais preocupado com a economia do país do que com a saúde pública “Ao definir a economia como prioridade do seu governo, Bolsonaro deixa subentendido que o direito à vida está condicionado ao crescimento econômico tanto que em suas projeções morreriam muito mais pessoas devido à crise do que pela Covid-19.” (Teixeira e Silva, 2022, p. 25-26). Ou seja, durante o seu governo fica evidente que a preservação da vida não foi uma prioridade e isso deixou a sociedade extremamente vulnerável, principalmente a população mais pobre.

[...] Home office e o isolamento tal qual recomendado pela OMS são privilégios apenas das classes mais abastadas, o que não impede o novo coronavírus de continuar circulando e infectando as pessoas que tem de seguir trabalhando, como os informais e aqueles que atuam na linha de frente nos hospitais e unidades de saúde” (Teixeira; Silva, 2022, p. 27)

Sendo assim, nos cabe refletir sobre a vida humana. Todas possuem o mesmo valor? Ou será que umas valem mais que outras? Responder essa questão, pode parecer complexo, mas se colocarmos em peso as diferentes chances de sobrevivência e a omissão do presidente em implementar políticas públicas para evitar o contágio, a gente estima que parte da população ficou à margem do “Salvem-se quem puder”, logo, se é passível pensar em quantas mortes poderiam ter sido evitadas.

Essa escrita, portanto, se faz necessária porque traz à tona, um novo olhar para as mortes ocasionadas pelo coronavírus e, principalmente, nos faz refletir

acerca das mortes que poderiam ser evitadas, ou seja, se o coronavírus não tivesse sido tratado com “desdém” será que o número de mortos seria o mesmo? Se a saúde pública tivesse sido prioridade e a vacina tivesse sido comprada na primeira oportunidade, o número de mortos seria o mesmo? Se medidas, para além do auxílio emergencial, tivessem sido criadas, o número de mortos seria o mesmo?

O peso que o “Bolsonarismo” teve na perda de vidas durante a pandemia no país é difícil de precisar, mas podemos elucidar os mecanismos que operam uma política que trata como descartável a vida de milhares, começando pelo ativismo a favor da abertura econômica em detrimento das medidas de contenção do novo coronavírus” (Teixeira; Silva, 2022, p.59).

Não dá para culpar Bolsonaro por todas as mortes pelo novo coronavírus, mas sob hipótese alguma podemos esquecer a influência que ele exercia e ainda exerce sob a população, logo, o ato de minimizar a letalidade do vírus, se recusar a usar máscara, incentivar as pessoas a não seguir o isolamento social e a utilizarem medicamentos sem comprovação científica, são ações que o colocam como alguém frequentemente associado a um genocida pois, certamente, tais ações contribuíram para o aumento dos infectados e, conseqüentemente, para o número de mortos.

Quantas pessoas não deixaram de se vacinar levando em consideração os discursos do presidente? Discursos esses que iam do mito de virar jacaré ou criar características do sexo oposto conforme podemos observar:

Na Pfizer, está bem claro no contrato: 'nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral'. Se você virar um jacaré, é problema de você. Não vou falar outro bicho aqui para não falar besteira. Se você virar o super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou um homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. (UOL, 2020)

A vacina contra a Covid-19 também foi associada ao vírus da AIDS:

Relatórios oficiais do governo do Reino Unido sugerem que os totalmente vacinados (15 dias após a segunda dose) estão desenvolvendo a síndrome de imunodeficiência adquirida muito mais rápido do que o previsto. Não vou ler a matéria completa porque posso ter problema. (Crítica, 2021)

A partir desse contexto, então, discutiremos a influência que esses discursos exerceram no processo da recusa vacinal no Brasil. Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa é abordar o impacto dos discursos de Jair Bolsonaro na

formação dos movimentos antivacinas, trazendo à tona, a política de banalização da vida que fica evidente em seu governo, no mais, também será enfatizado questões como: O papel das Fake News, a importância da vacinação, o descaso com o estado de Manaus e a ausência dos rituais fúnebres.

## **2. A “GRIPEZINHA” QUE MATOU MAIS DE 700 MIL PESSOAS.**

Em 12 março de 2020 fomos surpreendidos pela mídia, ao noticiar o primeiro óbito no Brasil ocasionado pelo SARS-CoV-2, conhecido também pelo novo coronavírus, a partir daquele momento travaríamos uma enorme luta, tanto para sobreviver em meio a um vírus extremamente mortífero e de fácil contágio do qual se tinha pouquíssimas informações a respeito, como também, para lidar com o “desgoverno” do presidente Jair Messias Bolsonaro.

Em 24 de março de 2020, dia em que o Brasil registrou 47 mortes pelo SARS-CoV-2, o presidente fez um pronunciamento oficial contrariando todas as recomendações de médicos e cientistas em seguir o protocolo de isolamento social, o presidente afirma: "O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar, empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade." (BBC News Brasil, 2020).

E continua:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado com o vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como disse aquele famoso médico daquela famosa televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. (BBC News Brasil, 2020).

O médico a que Bolsonaro faz referência é Drauzio Varella. Varella, que teve um vídeo publicado 2 meses antes usado por bolsonaristas para defender a postura negacionista de Bolsonaro, no vídeo em questão, Varella alega que “De cada cem pessoas que pegam o vírus, oitenta, noventa pessoas têm um resfriadinho de nada” (OS PINGOS NOS IS, 2020) após a repercussão, Drauzio Varella se manifestou publicamente e reconhece que havia subestimado o vírus, no entanto, naquele

contexto já reconhecia a importância das medidas de prevenção. Varela, por sua vez, reconheceu o seu erro, ao contrário de Bolsonaro.

Desde o início da pandemia o negacionismo serviu de alibi para o presidente brasileiro se isentar da irresponsabilidade de liderar o enfrentamento a disseminação do novo coronavírus no território nacional, afinal de contas, se a Covid-19 não passava de uma “gripezinha” não havia necessidade de decretar medidas “radicais” de isolamento que paralisariam a economia. (Teixeira; Silva, 2022, p. 68-69).

Bolsonaro, desde o início da pandemia discursava veementemente contra as medidas de isolamento social, sua maior preocupação e, talvez, a única, era com a economia do país que poderia ser prejudicada se as pessoas não deixassem as suas casas e fossem trabalhar, para ele, retornar à realidade era necessário, esses discursos ajudaram a fomentar a ideia de que o vírus não era motivo para se preocupar, afinal, a economia a gente recupera, mas e as vidas perdidas?

Se cientistas em geral posicionaram-se pela necessidade de planos para enfrentamento da crise sanitária visando a preservar vidas, Bolsonaro sugeriu que seria necessário enfrentar o vírus em um campo de batalha que seria o mercado, sem temer as consequências. (Saraiva; Zago, p. 129).

Durante o período pandêmico alguns termos vieram à tona justamente pelas similaridades que apresentam com os discursos negligentes do presidente, dentre eles, o termo necropolítica conforme define Achille Mbembe (2018) como um cruzamento entre o poder político e o direito de matar, ou seja, ele faz uma abordagem acerca de como a política exerce poder sobre os cidadãos e como discursos negligentes e violentos podem ajudar a exterminar classes sociais mais vulneráveis, em suma, o termo necropolítica decide quem vive e quem morre.

Os discursos negligentes, de Bolsonaro, ajudaram a fomentar essas ideias, pois certamente, contribuíram para o aumento do número de mortos e agravaram ainda mais as desigualdades sociais já existentes “A não existência de um plano nacional de combate a pandemia poderia ser lida como mais uma incompetência do governo Bolsonaro [...]” (Teixeira e Silva, 2022, p. 53).

Logo, o termo Necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe, vai de encontro a postura omissa do presidente frente a pandemia da Covid-19, uma vez que suas falas minimizavam o grau de mortalidade do vírus e, com isso, o número

de mortes evitáveis cresceu drasticamente, em suma, o termo necropolítica traz à tona a vulnerabilidade em que determinados grupos se encontravam durante uma pandemia e como medidas opostas a essa poderiam ter salvado milhares de vidas, principalmente aquelas mais vulneráveis: idosos, obesos, gestantes e portadores de doenças crônicas.

Levando em consideração a ausência de políticas com o objetivo de combater a proliferação do vírus o estudo “Mortes evitáveis por covid-19 no Brasil” (Weneck *et al*, 2021) chegou à conclusão de que em 1 ano de pandemia - março de 2020 a março de 2021 – provocou-se 305 mil mortes acima do esperado. Segundo o estudo 120 mil mortes poderiam ter sido evitadas apenas através de medidas não farmacológicas como a utilização de máscara e álcool em gel, o distanciamento e isolamento social se tivessem sido adotadas, entretanto, o estudo concluiu que utilização desses recursos de prevenção não foram bem-sucedidos levando em consideração fatores como: minimização da pandemia e descrédito na ciência; a adoção de tratamento precoce sem comprovação científica; ausência de políticas para a expansão do sistema de saúde; etc.

Essas medidas não farmacológicas foram veementemente desrespeitadas pelo então presidente Jair Bolsonaro, durante grandes picos de transmissão e mortes, era comum presenciá-lo sem máscara promovendo aglomerações, como aconteceu em visita ao Acre, em 24 de fevereiro de 2021, época que o estado passava por um surto de Covid-19.

*Imagem 1 - Sem máscara, Bolsonaro promove aglomeração em visita ao Acre.*



Fonte:

<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/03/18/bolsonaro-e-alvo-de-representacao-do-mpf-e-mpe-por-nao-usar-mascara-e-causar-aglomeracao-em-visita-ao-acre.ghtml>. Acesso em 01 de abril de 2024.

Em meio à crise sanitária da Covid-19, o presidente fez propaganda de medicamentos para o tratamento precoce contra a Covid-19, o chamado kit covid, formado pela cloroquina e seu derivado, a hidroxicloroquina, a ivermectina e a azitromicina, distribuído em muitos hospitais como sendo o tratamento para a covid. Contudo, essas recomendações contrariavam a ciência que, por sua vez, comprovou a ineficácia do tratamento com o kit covid, bem como, alertava sobre os perigos de uma maior alta de mortes para pessoas que utilizaram a droga (“Estudo associa uso de hidroxicloroquina a alta de mortes em pacientes com Covid”, 2020).

A inexistência de um plano para o combate ao novo coronavírus associado à *Fakes News* e ao “descrédito” na ciência, foram fatores que contribuíram para um maior índice do número de mortos, essas medidas por sua vez, que possuem um caráter amplamente irresponsáveis foram veementemente divulgadas pelo então presidente Jair Bolsonaro, logo, fica notório que parte da população Brasileira aderiu as mesmas concepções do presidente e isso teve grandes consequências.

### **3. O PAPEL DAS FAKE NEWS**

O grande avanço da tecnologia, no século XXI, trouxe inúmeras facilidades e mudanças no mundo, no entanto, ela também trouxe consigo alguns malefícios, dentre eles, a crescente onda de *fake news* que, em suma, são informações de caráter duvidoso que são espalhadas repentinamente na internet e, essa crescente onda de informações falsas foram muito presentes durante a pandemia da covid-19.

Propagadas mais rapidamente que qualquer vírus já conhecido, as *fakes news*, ou notícias falsas, em bom português, se tornaram um dos mais importantes fenômenos políticos e sociais do nosso tempo, desafiando democracias e o conhecimento científico. Elas têm sido muito comuns no campo da saúde, mas estão presentes em todos os meios” (Leal, 2021. p.148)

O Brasil, por sua vez, aparece como um dos países que mais propagaram informações falsas sobre a COVID-19:

Nos primeiros quatro meses de pandemia no país o Brasil já ocupava o incomodo primeiro lugar mundial na difusão de informações falsas referentes aos números de casos e mortes por Covid-19, plataformas internacionais de checagem verificaram ao menos 34 peças de desinformação (*fake news*) questionando os dados oficiais que mostrava o avanço da doença, o que correspondia na época a quase um quinto de todos os conteúdos desse tipo encontrados na internet. (Teixeira; Silva, 2022, p. 68-69).

O presidente Jair Bolsonaro, por sua vez, não discursou em nenhum momento contra a disseminação dessas notícias falsas uma vez que elas eram as grandes responsáveis pelo avanço do número de casos e influenciariam a recusa vacinal, pelo contrário, as suas falas iam de acordo com as “*fake news*”, logo, além de concordar ele ajudava a propagar essas notícias que colocava em xeque o vírus, as medidas de prevenção e o número de mortos.

Uma das mensagens difundidas induzia pessoas doentes a saírem de casa, dizendo que os contaminados ao ficarem fechados em casa cumprindo quarentena teriam a carga viral aumentada por respirarem o próprio vírus, portanto era prejudicial ficarem trancadas. Uma falsa reportagem completava este “alerta”, apontando a ‘imunidade de rebanho’ como solução para a pandemia, decretando assim a inutilidade de medidas como o lockdown. (Teixeira e Silva, 2022, p. 68-69).

Segundo uma pesquisa do Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER), em parceria com o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC) e Universidade de Toronto, ao cobrir o primeiro ano da crise sanitária no país - fevereiro 2020 a fevereiro 2021 – apontou que as cidades que deram mais de 50% dos votos no 2º turno para Jair Bolsonaro registraram números de casos até 299% maior e até 415% mais mortes um ano depois do início da pandemia, logo, é inegável a influência que Jair Bolsonaro teve na formação desses movimentos antivacina, bem como, no aumento excessivo do número de mortos principalmente em cidades ferrenhamente bolsonaristas, o Brasil que até o momento dessa pesquisa já ultrapassa a marca de 700 mil mortes pela Covid-19.

O comportamento de Jair Bolsonaro frente a pandemia da Covid-19 desperta na população um misto de sentimentos, de um lado, pessoas que o apoiam e que compactuam com os seus discursos negacionistas “Muitas vezes, os negacionistas apelam para o “direito à livre expressão” para propagar suas ideias nefastas” (Napolitano, 2021, p.95). De outro lado, pessoas que acreditavam na ciência e que colocavam nela a força capaz de derrotar o coronavírus, todavia, a ciência não foi prioridade no governo Bolsonaro, para ele, achismos e informações retiradas da internet tinham mais credibilidade do que o discurso de médicos e cientistas, ou seja, muitas pessoas sequer tiveram a oportunidade de se vacinar porque o presidente demorou para comprar as vacinas por acreditar que tratamentos sem

comprovação científica já eram o suficiente para controlar o vírus e combater as mortes.

A seguir, algumas das principais mentiras – *Fake News* – contadas por Bolsonaro no contexto de pandemia; Em 25 de Março de 2020 – Bolsonaro alega que o Brasil não chegaria nos mesmos índices dos EUA, no entanto, meses depois o país se tornou o país com mais infectados.

Eu acho que não vai chegar a esse ponto [a situação dos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele. Eu acho até que muita gente já foi infectada no Brasil, há poucas semanas ou meses, e ele já tem anticorpos que ajuda a não proliferar isso daí. (G1, 2020)

Bolsonaro também fez declarações questionando a segurança e eficácia da vacina – 22 de janeiro de 2021 -

Eu não posso obrigar ninguém a tomar vacina, como um governador um tempo atrás falou que ia obrigar [referência a João Doria, então governador de São Paulo]. Eu não sou incosequente a esse ponto. Ela tem que ser voluntária, afinal de contas, não está nada comprovado cientificamente com essa vacina aí... (UOL, 2023)

*Imagem 2 – Jovem faz homenagem para familiares que morreram por covid-19.*



Fonte:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/09/01/jovem-homenageia-a-mae-e-5-parentes-que-morreram-de-covid-ao-receber-vacina.htm>. Acesso em 1 de abril de 2024.



Portanto, se as vacinas tivessem sido compradas no momento certo e se os discursos do presidente estivessem em consonância com as afirmativas científicas, mais pessoas teriam tido a oportunidade de se vacinar e, com isso, menos chances de deteriorar o seu estado de saúde, no mais, também existe aquelas pessoas que deixaram de se vacinar levando em consideração as declarações do presidente “O ex-presidente Bolsonaro fez muitas declarações que ilustram como o discurso de um líder pode influenciar a sociedade..” (Junior *et al*, 2023, p. 543)

#### **4. MANAUS - A LUTA POR OXIGÊNIO**

Em janeiro de 2021, durante a segunda onda de Covid-19, Manaus registrava altos índices de novos casos e mortes ocasionadas pelo novo coronavírus e isso gerou um grande colapso no sistema de saúde da região, com os leitos superlotados e com falta de oxigênio medicinal, iniciou-se uma onda de protestos, de início, apenas por parte daqueles que tinham familiares internados, mas logo a comoção parte de toda a população do Estado e vira notícia no Brasil todo.

Com pacientes morrendo asfixiados, os noticiários estampavam a capa dos jornais que logo ganhou também repercussão internacional, essa crise no sistema de saúde foi, de fato, um reflexo da minimização da pandemia, algo comum no governo Bolsonaro, mas vai além disso, a falta desses recursos que ajudam as pessoas a respirarem e se manterem vivas também é resultado do que foi tratado como prioridade durante o governo Bolsonaro: A economia.

o governador do Estado, Wilson Lima (PSC), editou em 23 de dezembro um decreto determinando o fechamento do comércio não essencial a partir do dia 26 de dezembro e proibindo eventos comemorativos. O presidente Jair Bolsonaro definiu a medida como absurda e, no dia que as restrições entrariam em vigor, protestos contra as novas regras bloquearam vias da cidade. Lima, que é próximo do presidente, voltou atrás em sua decisão e autorizou que o comércio seguisse funcionando. (Welle, 2024)

A combinação de uma nova cepa do vírus, comércio funcionando, disseminação de fake news, festas de réveillon e os discursos do presidente foi o que culminou para que Manaus entrasse em total colapso.

Em meio ao caos, a solidariedade veio por parte da sociedade civil organizada, artistas, jornalistas, gente famosa e anônima,

que se mobilizou para ajudar. Cilindros extras de oxigênio foram enviados a Manaus inclusive pelo governo da Venezuela. (Lavor, 2021)

*Imagem 3 – Familiares de pacientes internados fazem filas para comprar oxigênio*



Fonte:

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/25/documentos-mostram-que-mais-de-30-morreram-nos-dois-dias-de-colapso-por-falta-de-oxigenio-em-manaus.ghtml>. Acesso 7 de abril de 2024.

Conforme vemos na imagem acima, familiares desesperados tiveram que recorrer a mídia para obter cilindros de oxigênio para seus familiares que estavam morrendo sufocados nos hospitais da região, esse colapso no sistema de saúde já era algo previsto mediante a flexibilização do comércio e o descaso do governo para com a população “Enquanto, no período de abril até dezembro de 2020 (270 dias), foram notificadas 3.380 mortes por Covid-19 em residentes em Manaus, no mês de janeiro de 2021 (31 dias), foram notificados 2.195 óbitos.” (Barreto *et al*, 2021, p. 1333)

A partir desse contexto, nota-se, que o estado de calamidade em Manaus é resultante da omissão do poder público nas ações de combate a covid-19 propiciando essa tragédia humanitária que acarretou na morte de inúmeras pessoas, o número de mortes por asfixia, no entanto, ainda não são precisas, atualmente o MPF (Ministério Público Federal) exige transparência sobre esses dados e exige uma indenização “O MPF e a DPE-AM pedem o pagamento de R\$ 1,6 bilhão a título de danos individuais homogêneos, em razão das violações aos direitos à vida e à saúde das vítimas, bem como a R\$ 2,4 bilhões por danos sociais

e danos morais coletivos.” (“MPF pede indenização de R\$ 4 bilhões ao Amazonas e Manaus por mortes de Covid-19 na crise do oxigênio”, 2024)

## 5. SOLIDÃO E LUTO.

Durante a pandemia da Covid-19 a Organização Mundial da Saúde impôs algumas restrições que tinham como principal objetivo proteger a saúde pública, ou seja, essas restrições se seguidas corretamente propiciavam uma queda significativa no número de infecções e conseqüentemente de mortos, dentre as principais restrições e recomendações estava o isolamento social, o distanciamento físico, uso de máscara, álcool em gel, dentre outras, no entanto, algo que a Covi-19 trouxe e que tornou a dor do luto ainda mais potente foi a ausência dos rituais fúnebres, bem como, velório, enterro, etc.. Isso acabou não se tornando mais possível devido à alta chance de infecção, até mesmo em casos de pessoas que não tinham falecido por covid, com isso, a dor do luto passou a ser ainda mais difícil e isso, certamente, impactou drasticamente a vida daqueles que perdiam seus entes queridos naquele contexto.

Na visão de (Freud, 1915) “O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor.”

O Brasil, durante um dos momentos mais preocupantes, chegou a registrar mais de 4 mil mortes diárias conforme dados apresentados em abril de 2021 “O Brasil bateu nesta terça-feira (6) novo recorde e registrou mais **4.195 mortes por Covid-19**, de acordo com levantamento do Conass (Conselho Nacional de Secretários da Saúde). Isso equivale a uma morte a cada 20 segundos.” (CNN Brasil)

Esses dados denotam a situação de calamidade em que o país se encontrava, a partir disso, nos cabe refletir acerca das ausências de despedidas e como esses ritos são importantes para digerir o luto.

Sabe-se que os rituais de despedida são organizadores, importantes para um processo de luto normal dos indivíduos e o impedimento de viver esse momento pode trazer intensos sentimentos de raiva, horror, choque que são somados a uma experiência de luto na comunidade, não apenas restrito ao âmbito familiar ou social mais próximo, aumentando o risco de luto complicado e de retomada de investimento nas situações necessárias para o enfrentamento da vida. (Cogo *et al*, 2021)

Portanto, vivenciar o luto é algo de extrema importância para que se possa voltar ao meio social, contudo, se torna ainda mais importante em tempos pandêmicos, pois com esse cenário a morte torna-se ainda mais repentina, ou seja, é difícil assimilar a morte de alguém que estava bem e, de repente, faleceu, algo comum durante a pandemia, pessoas jovens, muitas vezes saudáveis, ou que estavam com a saúde controlada, perdendo suas vidas repentinamente. Os familiares, por sua vez, sem ao menos conseguir dar o último adeus e sem receber aquele abraço apertado que ajuda a diminuir a dor.

Pela Covid-19, os velórios têm sido realizados em, no máximo, dez minutos. Reúnem, quando muito, oito, dez pessoas, todas de máscaras, afastadas dois metros uma das outras e perplexas diante de caixões lacrados, que impedem um último olhar ou afago. (O Globo, 2020)

A Covid-19, além de ceifar vidas, também feriu o emocional das pessoas que, além de perderem seus familiares, sequer tiveram direito de velá-los com dignidade, pois nesse contexto, tudo acontecia totalmente fora da curva, além do mais, as medidas tomadas nesse governo além de possuir um caráter aniquilador também atinge aqueles que são sobreviventes, mas que, ao perderem alguém próximo também perderam parte de si e sob o agravamento de não seguir os rituais de despedidas que são comuns na nossa cultura, pois esses ritos funcionam como acalento e também com um meio de amenizar a dor, afinal, esses ritos são a última memória do vivo com o morto e é a última memória que se constrói com ela.

*Imagem 4 - Funcionários carregam caixão; parentes não podem se aproximar do cortejo e nem realizar velórios - Silvio Avila/ AFP.*



Fonte:

<https://www.brasilefato.com.br/2021/05/04/tres-em-cada-quatro-brasileiros-perderam-alguem-para-a-covid-19>. Acesso 7 de maio de 2024.

A pandemia da Covid-19, portanto, deixou marcas profundas na vida das pessoas de todo o mundo, direta ou indiretamente. Contudo, essas marcas foram ainda mais profundas e dolorosas na vida dos Brasileiros que, além de lidar, com todas essas adversidades, com o medo e com situações fora da curva, também tiveram que lidar com um governo nefasto, negacionista, anti-ciência que ceifou inúmeras vidas com discursos negligentes, discursos esses que além de ceifar vidas também retirava direitos básicos como o do sentir, de acompanhar e digerir o luto.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre o tempo presente têm os seus desafios, por um lado, dificuldade em encontrar arquivos que possam conduzir o seu trabalho, por outro, torna-se mais fácil relatar coisas que você vivenciou cotidianamente, na sua rua, na sua família, na mídia e no Brasil todo por mais de 2 anos.

A escolha dessa pesquisa surge, acima de tudo, como uma forma de denúncia, afinal, o gerenciamento da pandemia da Covid-19 nesse governo vai de encontro com o termo Necropolítica, conforme define Achille Mbembe (2018) como um cruzamento entre o poder político e o direito de matar, ou seja, durante esse governo e mais especificamente, durante a pandemia, o governo Bolsonaro colocou grupos à margem do “salvem-se quem puder”

E as discussões citadas ao longo dessa pesquisa, nos incita a uma reflexão, todas as vidas no governo Bolsonaro foram tratadas com a mesma importância? Uma vez que o presidente incentivava o proletariado a deixar suas casas, enfrentar transportes públicos lotados para não quebrar a economia do país e como um meio de sobrevivência, afinal, recursos como o auxílio emergencial surge apenas meses depois do surgimento do vírus no país, logo, nota-se o nível de privilégio que as classes mais abastadas exerciam sob as classes pobres, afinal, enquanto eles se mantinham seguros dentro de suas casas, o proletariado precisava arriscar sua vida e a sua saúde para sobreviver, então esse não seria, de fato, uma forma de extermínio e um conceito direto de Necropolítica?

Percebe-se ao longo dessa pesquisa que as mortes excessivas são um reflexo da ausência de políticas públicas para combater a disseminação do vírus, bem como, o caráter negacionista que o presidente adotou durante os anos de pandemia.

Esse trabalho dá margem para uma série de reflexões, no entanto, o principal intuito aqui é tornar contundente às mais 700 mil mortes e lembrar que não foram SOMENTE 700 MIL, afinal, aqueles que se foram deixaram familiares e amigos em um mar de sofrimento, luto e com a certeza de que se o mínimo tivesse sido feito, muitas daquelas pessoas não teriam partido.

Outro ponto, de suma importância por aqui é o debate acerca das notícias falsas no século XXI e, mais especificamente, durante o período pandêmico, afinal, essa foi uma arma utilizada pelo então presidente para disseminar os seus ideais, ou seja, a partir disso se percebe o impacto das notícias falsas e que elas também podem ser um meio de extermínio, principalmente se disseminadas em grupos com pouca capacidade de análise e senso crítico, pois foi a partir das *fake news* que muitas pessoas optaram por medicamentos sem comprovação científica e, posteriormente, como base para uma não vacinação.

Portanto, essa pesquisa traz um novo olhar para essas mortes, afinal, não foram mortes apenas em decorrência da pandemia, mas sim em razão da ausência de políticas públicas para combater o contágio excessivo e, conseqüentemente, as mortes, ou seja, o que exprime deste trabalho é que o governo Bolsonaro não tratou a vida como algo importante e sim, banal.

## 7. REFERÊNCIAS

AMORIM, D. **Sem velório e com caixões lacrados: coronavírus impõe isolamento até no luto e muda rotina em cemitérios.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/sem-velorio-com-caixoes-lacrados-coronavirus-impoe-isolamento-ate-no-luto-muda-rotina-em-cemiterios-1-24350944>>. Acesso em: 6 jun. 2024.

BARRETO, I. C. H. C. et al. Colapso na saúde em Manaus: o fardo de não aderir às medidas não farmacológicas de redução da transmissão da Covid-19. *Saúde em Debate*, v. 45, p. 1

BBC NEWS BRASIL. **Assista ao pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre crise do coronavírus.** YouTube, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70>>. Acesso em: 31 jul. 2023

**Brasil bate recorde e registra 4.195 mortes por Covid-19 em 24 horas.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/covid-19-no-brasil-6-4-2021/>>.

**Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada, diz Bolsonaro em alusão a infecção pelo coronavírus.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/brasileiro-pula-em-esgoto-e-nao-ac-ontece-nada-diz-bolsonaro-em-alusao-a-infeccao-pelo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 6 jun. 2024.

CABRAL, Sandro. ITO, Nobuiuki. PONGELUPPE, Leandro. Os efeitos desastrosos de líderes em negação: evidências da crise do COVID-19 no Brasil (28 de abril de 2021). Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3836147> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3836147>

Cogo, Adriana Silveira, et al. "Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19." (2020).

CRÍTICA, T. A. **BOLSONARO ASSOCIA AIDS A VACINA DA COVID-19.** YouTube, 25 out. 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=xvB2\\_SkL2ds](https://www.youtube.com/watch?v=xvB2_SkL2ds)>. Acesso em: 31 jul. 2023

DE MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino et al. O DISCURSO NEGACIONISTA NO DESGOVERNO BOLSONARO COMO "INFLUENCIADOR" DA MORTALIDADE PELA COVID-19: UM PARALELO ENTRE A BIOPOLÍTICA E A NECROPOLÍTICA. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 15, n. 45, p. 541-576, 2023.

**Documentos mostram que mais de 30 morreram nos dois dias de colapso por falta de oxigênio em Manaus.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/25/documentos-mostram-que-mais-de-30-morreram-nos-dois-dias-de-colapso-por-falta-de-oxigenio-em-manaus.ghtml>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

**Estudo associa uso de hidroxicloroquina a alta de mortes em pacientes com Covid.** Disponível em:



<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/hidroxiclороquina-esta-ligada-ao-aumento-de-mortes-por-covid-19-mostra-estudo/>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108.

LAVOR, Adriano de. Amazônia sem respirar: falta de oxigênio causa mortes e revela colapso em Manaus. RADIS: Comunicação e Saúde, n.221, p.20-23, fev. 2021. MBEMBE, Achille. (2018). Necropolítica. São Paulo: n-1 edições.

**MP e MPF pedem responsabilização de Bolsonaro por aglomeração em visita ao Acre.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/03/18/bolsonaro-e-alvo-de-representacao-do-mpf-e-mpe-por-nao-usar-mascara-e-causar-aglomeracao-em-visita-ao-acre.ghtml>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

**MPF pede indenização de R\$ 4 bilhões ao Amazonas e Manaus por mortes de Covid-19 na crise do oxigênio.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/04/17/mpf-pede-indenizacao-de-r-4-bilhoes-ao-amazonas-e-manaus-por-mortes-de-covid-19-na-crise-do-oxigenio.ghtml>>. Acesso em: 6 maio. 2024.

SANTANA, Caio. **Durante vacinação, adolescente homenageia mãe e 5 parentes mortos por covid.** Uol.com.br. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/09/01/jovem-homenageia-a-mae-e-5-parentes-que-morreram-de-covid-ao-receber-vacina.htm>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

SARAIVA, Karla; ZAGO, Luiz Felipe. Economia, saúde e políticas do verdadeiro nas declarações de Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Âmbitos: revista internacional de comunicación**, 52, 124-139., 2021.

SILVA, Júlio Cesar da. TEIXEIRA, Luiz Belmiro. **Bolsonarismo e Necropolítica: Administração da morte e gerenciamento da pandemia da Covid-19 no Brasil.** Curitiba: Kötter Editorial, 2022.

**Três em cada quatro brasileiros perderam alguém para a covid-19.** Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/04/tres-em-cada-quatro-brasileiros-perderam-alguem-para-a-covid-19>>. Acesso em: 7 maio. 2024.

UOL, C. P. O. **“Se virar jacaré, é problema seu”:** o que Bolsonaro já disse sobre vacinas. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>>. Acesso em: 14 maio. 2024.

UOL. **Bolsonaro: “Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso”.** YouTube, 17 dez. 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>>. Acesso em: 31 jul. 2023

WELLE, Deutsche. **A sucessão de erros que levou à crise de oxigênio em Manaus**. Poder360. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/brasil/a-sucessao-erros-manaus-dw/>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

WERNECK, Guilherme Loureiro; BAHIA, Ligia; MOREIRA, Jéssica Pronestino de Lima; SCHEFFER, Mário (2021). Mortes evitáveis por Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/06/MORTES-EVITAVEIS-pesquisa-24-06-2021.pdf> Acesso em: 05 ago. 2023.